

Gerando identidade: uma perspectiva ontológica sobre a biolinguística chomskyana

Norman R. Madarasz*

Resumo

Neste artigo, argumenta-se que o programa biolinguístico de Noam Chomsky contém uma ontologia subjacente cuja implicação diz respeito a uma transformação radical da noção de sujeito e da categoria de identidade que lhe sustenta, assim como da noção kuhníana de ciência normal. De fato, um dos desafios de uma ontologia estruturalista, de qual Chomsky é *pessoalmente* distante, mas formalmente próximo, é de transpor as teses sobre o real da questão do ser e do acontecimento a um realismo, campo que proporciona as condições de criação de um sujeito diferencial e genérico pela geração de estruturas sintáticas elementares projetadas em séries de palavras. Desta forma, a capacidade linguística auxilia na produção e na criação da identidade. Argumenta-se que o programa biolinguístico é ainda revolucionário no sentido em que despertou e perpetuou uma nova figura subjetiva da ciência, isto é, uma figura emancipadora do sujeito pensado pela ciência em relação a qual uma ontologia fundamental só pode se adequar na base da multiplicidade, tal como tem feito Alain Badiou. Acrescenta-se que várias das posições críticas da biolinguística gerativa de Chomsky visam esvaziar esta lógica dinâmica implicada na teoria de subjetividade genérica para pleitear que o compromisso ético seria baseado apenas no pluralismo cultural.

Palavras-chave: ontología, subjetividade, genericidade, biolinguística, Chomsky, identidade.

* PPGF, PPGL/PUCRS, norman.madarasz@puers.br

Resumen

En este artículo se argumenta que el programa biolingüístico de Noam Chomsky contiene una ontología subyacente que implica una transformación radical de la noción de sujeto y de la categoría de identidad que lo sustenta, así como de la noción kuhniana de ciencia normal. De hecho, uno de los desafíos de una ontología estructuralista, de la cual Chomsky es *personalmente* distante, pero formalmente próximo, es transportar las tesis sobre lo real de la cuestión del ser y del acontecimiento a un realismo, campo que proporciona las condiciones de creación de un sujeto diferencial y genérico por la generación de estructuras sintácticas elementales proyectadas en series de palabras. De esta forma, la capacidad lingüística auxilia la producción y la creación de identidad. Se argumenta que el programa biolingüístico es incluso revolucionario en el sentido en que despierta y perpetúa una nueva figura subjetiva de la ciencia en relación a la cual una ontología fundamental solo puede adecuarse en base de la multiplicidad, tal como lo ha hecho Alain Badiou. Se acrecienta que varias de las posiciones críticas de la biolingüística generativa de Chomsky pretenden vaciar esta lógica dinámica implicada en la teoría de la subjetividad genérica para plantear críticamente que el compromiso ético estaría apenas basado en el pluralismo cultural.

Palabras clave: ontología, subjetividad, genericidad, biolingüística, Chomsky, identidad

Novel evolutionary change is the hardest of all
R. Berwick e N. Chomsky

A área da biolinguística forma um conjunto de linhas de pesquisa reunindo a linguística, a psicologia evolucionária e cognitiva, assim como a neurociência¹. Ela se situa senão fora, então ao menos nas margens da pesquisa filosófica contemporânea. Tais pesquisadores atuando nas suas linhas de pesquisa se consideram cientistas, envolvidos em pesquisas experimentais cujos modelos teóricos de análise formal são inferenciais e não especulativos. Desta forma, haveria pouco a se relacionar entre a biolinguística e a filosofia. Esta posição é subentendida por N. Chomsky e R. Berwick², mesmo ao chamar à expansão do projeto minimalista³ para incluir recentes resultados vindo da biologia e da neuropsicologia⁴ que dizem respeito à geração da linguagem e à análise de modelos formais pelos quais organizar a pesquisa científica sobre a linguagem.

No entanto, o caráter provisório do referente neurobiológico da teoria da gramática universal (doravante, UG, *Universal Grammar*), isto é, a o fenótipo ou capacidade linguística (FL: a “faculdade da linguagem”), depende apenas parcialmente de uma localização empírica, ainda mais que tal faculdade, termo preferido por Chomsky para sistematizar a capacidade humana pela linguagem, ainda não foi delimitada na sua forma. Se ela existe enquanto “faculdade”, isto é, enquanto “objeto funcional” que detém coordenadas espaciais e temporais, a dimensão em que opera não parece ser macromolecular. O caráter funcional da FL não parece ser unificado, se se entende por este termo um foco centralizador e controlador em que

¹ A primeira articulação do que virá a ser a biolinguística foi feita por E. Lenneberg, *Biological foundations of language*, Nova Iorque, John Wiley and Sons, 1967.

² N. Chomsky; R. Berwick, “The Biolinguistic Program: The Current State of its Development”. Em: *The Biolinguistic Enterprise. New Perspectives on the Evolution and Nature of the Human Language Faculty*, ed. Di Sciullo, Anna Maria e Boeckx, Cedric, Londres, Oxford University Press, 2011, e R. Berwick; N. Chomsky, *Why Only Us: Language and Evolution*, Cambridge, Mass, MIT Press, 2015.

³ N. Chomsky, *The Minimalist Program*, Nova Iorque, MIT Press, 1995.

⁴ Por exemplo, S. Dehaene, *La bosse des maths*, Paris, Odile Jacob, 2010 e *Le Code de la conscience*, Paris, Odile Jacob/Sciences, 2014.

se convergem vários subsistemas cerebrais. Mais ainda interessante em relação a uma ontologia do sujeito genérico, a FL não teria uma finalidade primeira a se externalizar em língua falada e comunicada. Pois Chomsky mantém a tese polêmica segundo a qual a função primária da FL é reguladora, plausivelmente da produção de pensamentos a partir de conceitos irreflexivos basilares numa dimensão a-representativa. A operação da FL seria então a base de um sistema interno, inata e intrínseco (o “*I-language*”) cujo resultado é a formação do sujeito humano.

Ao considerar o levantamento da área feito por C. Boeckx⁵ é possível entrever um eixo de análise teórica de interesse especial à teoria filosófica do sujeito desenvolvida nas quatro últimas décadas na filosofia francesa contemporânea de orientação estruturalista. Este eixo é ontológico e abarca singularmente a questão da coerência entre *genericidade* subjetiva e *geratividade* linguística, entendido *conceitualmente* como processos de formação *da* e *de* identidade(s). A orientação estruturalista tem contribuído a fundamentar uma ontologia que, por informar a biolinguística, deve, em nosso ponto de vista, ser realista. O método de análise estrutural subjacente ao sistema filosófico de A. Badiou aplica um formalismo para articular a ontologia subjacente à teoria genérica e gerativa de uma figura inovadora de subjetividade. Sua extensão, argumentar-se-á neste artigo, rompe com as teorias hegemônicas de subjetividade naturalista da existência, de cunho fenomenológico, em que a delimitação da subjetividade é determinada pelo já-existente. Desta forma, a ontologia estruturalista que parece corresponder à ciência da linguagem chomskyana, e ao campo da sua aplicação nas ciências da vida, não é apenas realista mas subentende uma fundamentação matemática, eliminativista. Portanto, a biolinguística chomskyana é uma teoria científica que diz respeito a um modelo radical de subjetivação específica e relativa ao que Badiou denomina a “condição científica” da filosofia⁶.

⁵ C. Boeckx, “Some Thoughts on Biolinguistics”. Em: *Veritas*, vol. 60(2), 2015, pp. 207-221.

⁶ A. Badiou, *Manifeste pour la philosophie*, Paris, Éditions du Seuil, 1989.

I

Na filosofia da ciência e na linguística de Noam Chomsky não se encontram reivindicações por uma ontologia geral, pelo menos não de forma explicitada. Chomsky tem certamente dado falsas pistas aos filósofos sobre o componente filosófico do seu projeto (uma exceção recente são os John Dewey Lectures, proferidos na Columbia University em 2013⁷). Quando não tentam simplesmente desqualificar o teor filosófico da teoria da Gramática Universal (UG), vários filósofos continuam confundindo seus objetivos⁸. O resultado disso é que os próprios filósofos perpetuam uma cegueira diante da semelhança de UG com um sistema de primeira filosofia, não obstante a considerável pesquisa empírica e estatística apoiando a UG.

No entanto, uma investigação no que poderia ser de maneira tácita a ontologia da biolinguística chomskyana deve ancorar-se a partir da sua filosofia da ciência, ao invés de sua ciência da linguagem. Sem tornar inteligíveis as decisões metodológicas envolvidas com o projeto minimalista da gramática universal, essa filosofia e essa história da ciência arriscam ser mal-entendidas, como regularmente estão ainda mais em filosofias que buscam entender o processo de geração da categoria de identidade. Se nossa afirmação for correta, haveria implicações provocadoras para a ontologia e seus parâmetros de generalidade semântica, tanto quanto para a ciência na sua determinação subjetiva sempre localizada empírica e existencialmente. Por um lado, o resultado apontaria como afirmações ontológicas podem ser feitas sem necessitar uma articulação filosófica separada, pois seriam científicas em determinação. Não haveria mais necessidade em distinguir fundamentalmente filosofia e ciência, pelo menos na medida em que as questões mais abrangentes do saber e da distribuição categorial tratam ambas da vida funcional e de sistemas artificiais. Se esta consequência se espalhar pelas áreas contíguas das “filosofias de [...]”, o gesto de

⁷ N. Chomsky, “What Kind of Creatures are We?: i. What is Language? ii. What Can we Understand? iii. What is Common Good?”. Em: *The Journal of Philosophy*, vol. CX, no. 12, dezembro 2013, pp. 645-700.

⁸ Por exemplo, o recente livro de Charles Taylor, *The Language Animal: The Full Shape of the Human Linguistic Capacity*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 2016.

suspendê-la em sua quase autonomia referencial porventura a abriria também às contingências históricas pelas quais se organizaram os campos científicos e as “subdivisões” atuais da filosofia, assim como a determinação da filosofia a ser classificada de ciência “humana”.

Por outro lado, a biolinguística chomskyana aborda diretamente e resolve de maneira não ortodoxa o problema de como uma ciência particular poderia servir de modelo formal de racionalidade. Estando situado em processos mentais não conscientes de agentes ativos, a sua finalidade diz respeito às fases corporais e físicas da subjetividade genérica por meio das quais a identidade específica de grupos e indivíduos é formada. Mesmo se a biolinguística não se torne “paradigmática”, conforme a categorização feita por filósofos da ciência como Thomas Kuhn que aplaudia a hegemonia da física na maior parte do século XX até que a biologia molecular viesse desestabilizar a ordem política nas ciências, ela demonstra um caráter *ontológico* mais radical que a física existente⁹.

Desta forma, as duas seguintes condições de fundamentação seriam verificadas:

C-1: Se os projetos de fundamentação articulados na epistemologia, na lógica, na teoria de modelo, na distribuição categorial assim como em ontologias específicas pudessem fundamentar uma ontologia geral, eles precisariam incluir também uma concepção específica da ciência em que se localiza uma figura de sujeito de ciência *radical e inusitada*, ou seja, uma figura de ciência revolucionária;

C-2: a ontologia geral não poderia ser de natureza ou de tipo de uma ciência particular na sua extensão semântica e pragmática, em relação à qual a ontologia é uma indagação formalista. Em outras palavras, a ontologia geral não poderia ser uma linguagem, tampouco comportar uma teoria referencial de totalidades

⁹ T. Kuhn, *The Road since Structure: Philosophical Essays, 1970-1993*, with an autobiographical interview, Chicago, Ill., University of Chicago Press, 2006.

existentes.

Pelo Programa Biolinguístico, se sustenta que a concepção do fenótipo linguístico FL própria aos seres humanos deve ser reduzida para que possa ser entendida como processo ou sistema orgânico. Devemos tomar cuidado com as conotações negativas que tem adquirido o termo “redução”. Em uma perspectiva teórica, a redução implica uma operação complexa, o objetivo sendo não de simplificar, tampouco de visar o geral e o abstrato, mas de tornar inteligível uma estrutura comum entre fenômenos cuja justaposição empírica inicial aparenta mostrar apenas diferenças irreconhecíveis e até contraditórias. Para acompanhar o Programa Biolinguístico, é importante salientar que a perspectiva da pesquisa sobre a gramática gerativa se afastou gradualmente da teoria computacional dos trabalhos em inteligência artificial que configuravam a pesquisa pioneira de Chomsky nos anos 1950-60 para se focar na ideia de computação *natural*. Na biolinguística, se organizou uma parametrização destes processos em que um sistema dinâmico voltou a ser formalizado pelos operadores da teoria dos conjuntos¹⁰. O modelo de geração de estruturas sintáticas é mantido num formalismo dependente de subsistema interno ao cérebro, mas o conjunto de regras de transformação apresentado em 1957 foi pouco a pouco eliminado¹¹. De acordo com Chomsky e Berwick,

A propriedade mais elementar de nossa capacidade linguística compartilhada é que ela nos proporciona a construir e interpretar o infinito discreto de expressões estruturadas de maneira hierárquica: discreta porque há frases com cinco-palavras e seis-palavras, mas nenhuma com cinco-palavras-e meia; infinito porque não existe a frase mais longa. A linguagem é, portanto, baseada sobre procedimentos ge(ne)rativos recursivos que buscam elementos semelhantes a palavras elementares num certo armazém, o que denominaremos o “léxico”, e os aplica de forma repetida para tornar

¹⁰ R. Berwick; N. Chomsky; M. Piattelli-Palmarini, “Poverty of the stimulus Stands: Why recent Challenges Fail”. Em: M. Piattelli-Palmarini e R. Berwick Robert (ed.), *Rich Languages from Poor Inputs*, Londres, Oxford University Press, 2015, pp. 26-27.

¹¹ N. Chomsky, *Syntactic Structures*, Nova Iorque, Mouton de Gruyter, 2002, particularmente o segundo apêndice.

expressões estruturadas, sem limite¹².

Chomsky salienta que a principal questão de pesquisa, além da localização da operação e da composição do léxico, fonte a partir da qual as estruturas sintáticas se completam pelos termos que identificamos como palavras, é a natureza da própria função ge(ne)rativa (*generative*) no nível de átomos da computação. Neste sentido, a afirmação segundo a qual há continuidade no projeto de pesquisa desde a gramática gerativa dos anos 1950 está confirmada. O projeto adquiriu uma sofisticação considerável na medida em que tem nitidamente superado certas falhas do funcionalismo na sua forma clássica, que especialmente visaram delimitar estudos psicológicos de conduta no contexto da computação em autômatos artificiais. Foi o debate entre o grupo de N. Chomsky, M. Hauser e T.W. Fitch¹³ e o tandem S. Pinker e R. Jackendoff acerca do artigo “The Faculty of Language: What is It? Who Has it? How did it Evolve?”¹⁴, que forneceu o contexto para aprimorar o modelo de geração por recursividade da variação estrutural de frases, termo que veio substituir e estreitar a função ocupada anteriormente pelas regras de transformação.

O conceito principal do modelo anterior ao Programa Biolinguístico e da sua orientação dita “minimalista” é o denominado “*Principles and Parameters*”. Menciona-se este contexto por ter apresentado pela primeira vez em 2002 a categoria de “*I-Language*” (Língua-I), que vem especificando a tese fundamental concernente a FL. De acordo com James MacGilvray, organizador do livro de entrevistas com Chomsky publicado em 2012, *The Science of Language*,

Uma abordagem Língua-I é um estudo da linguagem que está “na mente/cérebro”.
I aqui quer dizer “individual, interno, “intencional” e – poderíamos acrescentar – “inato e intrínseco”. Essa abordagem assume que o alvo da ciência da linguagem é um sistema

¹² N. Chomsky; R. Berwick, “The Biolinguistic Program”, op. cit., p. 27.

¹³ M. Hauser; N. Chomsky; T. Fitch, “The Faculty of Language: What Is It, Who Has It, and How Did it Evolve?”. Em: *Science* 298, ed. 5598 (2002) p. 1569-79; T. Fitch; M. Hauser, Marc; N. Chomsky, “The Evolution of the Language Faculty: Clarifications and Implications”. Em: *Cognition* 97, p. 179-210 (2005); Pinker, Steven e Jackendorff, “The Faculty of Language: What’s Special about it?”. Em: *Cognition* 95 (2005), pp. 201-236.

¹⁴ M. Hauser; N. Chomsky; T. Fitch, “The Faculty of Language”, op. cit.

na cabeça de uma pessoa que é um estado (desenvolvido, amadurecido) de uma “faculdade mental”, uma faculdade mental que pode ser investigada usando os métodos das ciências naturais, que – entre outras coisas – idealizam e oferecem hipóteses suportadas natural e empiricamente em relação à natureza de seus objetos de pesquisa¹⁵.

Chomsky descarta de que se trate de um conceito específico ao seu recente trabalho, mesmo se ele reconheça que houve erros na recepção e na compreensão da comunidade científica sobre o significado técnico da categoria de “grammar” universal¹⁶. O termo “gramática” tem sido usado de maneira ambígua, tanto para designar o que produz a FL quanto o que estipula a teoria linguística do estado inato da FL ao cérebro humano (UG)¹⁷.

Ora, a tese fundamental de Chomsky é que a FL é formada durante o crescimento sensório-motor do organismo humano, com evidência apontado a uma formação preliminar intrauterina¹⁸. A sua função é a de gerar estruturas sintáticas, cuja complexidade leva a defender que a criança não aprende a sua língua inicial, “materna”, mas esta *ocorre* no crescimento da criança. Naturalmente, a criança adquire sua primeira língua no contexto da vivência familiar e cultural. O vocabulário e a pronúncia são efeitos biológicos e culturais devido às especificidades fonéticas e morfológicas de uma língua particular, da vivência psicoafetiva da criança e do seu corpo. No entanto, a produção de “frases” (entendidas como estruturas sintáticas realizadas com êxito num nível puramente interno) é independente da vontade ou

¹⁵ N. Chomsky, *The Science of Language - Interviews with James MacGillvray*, ed. N. Chomsky; J. MacGillvray, Londres, Cambridge University Press, 2012, pp. 258-259.

¹⁶ N. Chomsky, “Reply to Egan”. Em: *Noam Chomsky and his Critics*, ed. Louis Anthony, Norbert Hornstein, Nova Iorque, Blackwell, 2003, p. 270. Estes erros se estendem até Deleuze e Guattari, *Mille Plateaux*, Paris, Éditions du Minuit, 1980, e M. De Landa, *A Thousand Years of Nonlinear History*, Nova Iorque, Swerve Books, (2000). Pelo menos, Chomsky tenta corrigir as interpretações erradas dos seus diversos leitores. Lamentavelmente, os deleuzeanos não consideram relevante a leitura dos trabalhos mais recentes de Chomsky, o que desqualifica de antemão a atualidade da crítica deles.

¹⁷ A dimensão mais polemica desta extrapolação se encontra no recente livro de Tom Wolfe, *Kingdom of Speech*, Nova Iorque, Hachette, 2016.

¹⁸ B. Mampe; A. Friederici; A. Christophe; K. Wermke, 2009, “Newborns’ cry melody is shaped by their native language”. Em: *Current Biology* 19 (23), 1994 – 1997.

do conhecimento da criança. Tomando em consideração a complexidade da FL, Chomsky infere que cada criança é dotada de um sistema de “gramática universal” que desenvolve num contexto de “pobreza de estímulo”.

Este conceito de “pobreza de estímulo” instancia um princípio mais abrangente da natureza, segundo o qual “estímulos do meio-ambiente *subdeterminam* expressivamente os resultados do desenvolvimento em todos os organismos, inclusive o crescimento físico dos mesmos”¹⁹. Entendida desta forma, se trata de a prova empírica fundamental do inatismo do fenótipo linguístico. Situar a relação da *identidade*, como pretendemos fazer neste artigo, na produção potencialmente ilimitada de estruturas sintáticas a partir de um princípio natural poderia se aparentar a um gesto de redução ilegítima de um artefato cultural. Certamente, se o objetivo fosse justificar a *exclusão* de um fenômeno cultural por uma doutrina naturalista e reducionista, poder-se-ia contestar esta análise. Contudo, este argumento visa o sentido oposto. Seus resultados implicam a própria *ampliação* daquilo que se postula de *fenômeno natural*.

Visto a partir desta perspectiva, entende-se melhor como Chomsky se tornou um dos mais polêmicos críticos das teses segundo as quais a linguagem seria inerentemente comunicacional na sua função, e teria evoluído como sistema de comunicação comum às outras espécies homínidas. De fato, nada no registro paleontológico aponta ao contrário mesmo que existam poucos artefatos provenientes de homínidos pré-humanos que venham a sugerir a presença da linguagem²⁰. Chomsky não exclui que uma função comunicacional poderia ter se enxertado nas capacidades proporcionadas por UG, mas a tese descarta que até a externalização das estruturas sintáticas em linguagem falada e comunicativa seria

¹⁹ Veja a refutação de três objeções à tese da pobreza do estímulo por: R. Berwick; N. Chomsky; M. Piattelli-Palmarini, “Poverty of the stimulus Stands: Why recent Challenges Fail”. Em: Piattelli-Palmarini e R. Berwick (ed.), *Rich Languages from Poor Inputs*, Londres, Oxford University Press, 2015, pp. 19. A tese da pobreza do estímulo é confirmado por Kam, Cao e J. D. Fodor, “Children’s Acquisition of Syntax: Simple Models are too simple”. Em: Piattelli-Palmarini, Masimo e R. Berwick (ed.), *Rich Languages from Poor Inputs*, op. cit., p. 60.

²⁰ S. Pääbo, *Neanderthal Man: In Search of Lost Genome*, Nova Iorque, Basic Books, 2014.

primeira no funcionamento da FL. Esta posição tem levado Chomsky e seus colegas pesquisadores a defender que a UG não é o resultado de uma denominada “evolução da linguagem”, entendida em termos da seleção natural²¹.

Ao contrário, UG demonstra funções reguladoras internas ao organismo, singularmente aplicadas à produção daquilo chamado de “pensamentos”. Por mais que o trato vocálico humano pareça proporcionar a externalização em função de uma gama vocálica extensa pela qual é possível dar forma a fonemas, a posição de Chomsky é que a composição fonológica da linguagem sintática depende de fatores e de parâmetros específicos às comunidades étnico-linguísticas. Em outras palavras, a externalização das estruturas sintáticas em forma de idiomas seria contingencial.

A capacidade da linguagem e a competência do seu funcionamento são organizadas no nível do organismo, não na aculturação do indivíduo humano, o que não descarta que fatores culturais afetem por bem ou por mal o uso da linguagem em pessoas distintas. Numa leitura mais abrangente feita por Chomsky, e porventura pouco ortodoxa, a aquisição da linguagem segue a força criativa especificamente desencadeada pela subjetividade em formação. O olhar neste nível se concentra sobre a capacidade do organismo, e se põe a muito longo termo, algo entre 70.000 e 200.000 anos, sequência de tempo que seguiria o surgimento do *homo sapiens sapiens*. Neste período, postula-se que haveria tido uma mutação da espécie humana, que teria ocorrido localmente e num nível pontual, ou seja, um acidente ou mutação genética que afetou um indivíduo ou um grupo de indivíduos que se reproduziu pela procriação ou paralela ou sequencialmente pela procriação. Por esta mutação genética, teria se instalado uma justaposição de funções que conduziu à produção inata de estruturas sintáticas, que teria proporcionado uma dimensão criativa da linguagem cujas variações parecem ser sem limites.

Desta forma, a dimensão criativa da linguagem é inata ao organismo, mas as

²¹ R. Berwick e N. Chomsky, *Why only us*, op. cit., capítulo 1.

aprendizagens de idiomas adquiridas em situação se formam em resistência às técnicas de uso restrito da linguagem, quando estas estão engajadas na esfera pública e quando permitem que tomadas de decisão possam estender a subjetivação a formações coletivas ainda indecidíveis. O fato de que a adequação desta explicação torna inato o *processo* ou *sistema* de subjetividade caracteriza também uma postura antiautoritária, pois a dita criatividade inata da FL, pela qual se gera a partir de poucos estruturas uma série potencialmente infinita de variações, é de cunho universal. A lição ética a inferir é que a competência linguística *não se limita ao conceito de identidade étnica e racial, e decorre da geração de uma concepção de subjetividade inédita.*

II

O que caracteriza mais especificamente o modelo denominado “minimalista” é a subdivisão do fenótipo linguístico em duas dimensões. A faculdade da linguagem ampla (Broad FL) é composta de interfaces semânticas, conceituais e intencionais, enquanto a faculdade da linguagem estreita (Narrow FL) contém a função gerativa das estruturas sintáticas, enquanto tal²². É mister que esta subdivisão seja teórica, sendo que o acesso ao processo é proporcionado por meio de uma perspectiva que supõe uma suspensão de um conjunto complexo de atividades. Chomsky denomina a força dinâmica da função computacional da geração: “*Merge*”²³. Como foi explicado anteriormente, o modelo da UG postulou uma simplificação da faculdade da linguagem mais para afastar-se da noção estruturalista de “regras de transformação”. UG também subtraiu a FL de ser uma operação funcionalista para gerar frases, pois FL não é uma estrutura, nem uma determinação causal. Determinação causal não poderia ser a caracterização da FL, pois o que percebemos em frases é algo bastante inabitual pela perspectiva de um ser humano consciente. O que mais surpreende, devido às distâncias que tem tomado em relação a uma modelização matemática, é

²² M. Hauer; N. Chomsky; T. Fitch, “The Faculty of Language”, op. cit.

²³ Ibid.

que *Merge* é caracterizado em termos conjuntísticos, numa aparente reviravolta ao formalismo dos anos de 1950 e 1960

Nesta seção, veremos a tese segundo a qual a capacidade de “capturar” o infinito condiciona um aspecto fundamental da gramática gerativa ou universal. A forma inicial pela qual Chomsky fazia referência a esta capacidade é pela localização de regras que, de fato, eram as operações denominadas “transformações generalizadas”²⁴. O programa minimalista veio operando a simplificação da representação destas transformações, já que em hipótese deviam ser interações encontradas espontaneamente, pois a aquisição do *primeiro idioma* na jovem criança *não* depende de uma aprendizagem. Em outras palavras, a aquisição da primeira língua não depende de “aprender” regras como se fosse questão de aprender um jogo de linguagem. Ademais, se a linguagem fosse aprendida em função de regras, então devido à idade da criança estas “regras” seriam muito simples. A questão que permanece, e que é objeto de desavenças expressivas entre linguistas, é determinar se até as regras mais simples não seriam impossíveis a ser aprendidas por crianças tão novas, inclusive crianças surdas, mas em que o uso *espontâneo* da linguagem já poder ser verificado²⁵.

As etapas da produção sintática são expostas no seguinte modelo, conforme um encaminhamento causal:

Dados linguísticos primeiros (Primary Linguistic Data: PLD) → mapeamento →
Em um “*language acquisition device*” (LAD) ou na faculdade de linguagem (FL, concatenação oriunda nas operações de *Merge*, e *Agree* a partir de *edge features* (traços de borde)²⁶ →

²⁴ H. Lasnik; M. Depiante; A. Stepanov, *Syntactic Structures Revisited: Contemporary Lectures on Classic Transformational Theory*, Cambridge Mass., MIT Press, 2000, p. 23.

²⁵ L. A. Petitto, “How the brain begets language”. Em: *The Chomsky Reader*, (ed.) James McGilvray, 85 – 101, Cambridge, Cambridge University Press, 2005.

²⁶ N. Chomsky, “Three Factors in Language Design”. Em: *Linguistic Inquiry*, vol. 36, n. 1, inverno de 2005, pp. 1-22.

linguagem (L, linguagens particulares) →
expressões estruturadas (criação tanto de palavras quanto de sentenças)²⁷.

A questão que decorre desta modelização é a de saber quais aspectos de estrutura e do uso da linguagem pertencem à faculdade da linguagem, sendo que, de acordo com Chomsky, não haveria linguagem sem a interação da FL com as interfaces do complexo sensorio-motor (o som) e do complexo conceitual e intencional (o pensamento)²⁸. Além deste conjunto encontram-se as especificidades fonéticas do uso da linguagem, condição pela sua exteriorização sucedida. Por isso, o modelo causal veio a ser redefinido no programa dito *minimalista*.

A funcionalidade de uma regra tem a vantagem de isolar as bases do uso repetido de estruturas, mas *Merge* abarca uma operação *recursiva* que demonstra dois lados²⁹. No processo *externalizado*, é a função mesma que produz o objeto sintático correspondendo a uma frase em que itens indexicais (que percebemos como “palavras”, tomando cuidado para não as limitar a substantivos) são justapostas no que parece ter uma ordem linear. *Merge interno*, contudo, é mais complexo. Trata-se da encarnação daquilo que Chomsky denomina “movimento” (*displacement*): “o fato de pronunciarmos frases em uma posição, mas as interpretarmos em outro lugar”.³⁰ Movimento é um processo que coloca um termo ou um sintagma primeiro somente por meio de uma segunda colocação enquanto registra a posição, para assim falar, tal como na oração: “Para qual livro x, João leu o livro x.” (*For which book x, John read book x.*)³¹ *Merge* não pode ser dissociado de afirmações naturalistas mais abrangentes que guiam todos os compromissos de Chomsky com a geratividade. Trata-se de o princípio de *eficiência computacional*, o que vincula a Língua-I com o

²⁷ Modelo adaptado de N. Chomsky, *Language and Problems of Knowledge: The Managua Lectures*, Cambridge, Mass., MIT Press, 1988, p. 35.

²⁸ N. Chomsky, *The minimalista program*, op. cit., p. 106.

²⁹ Seguimos a escolha do grupo de tradutores de *The Science of Language*, ao manter o conceito de “merge” em inglês. N. Chomsky, *A ciência da linguagem*, São Paulo, Editora Unesp, 2013.

³⁰ N. Chomsky e R. Berwick, “The Biolinguistic Program: The Current State of its Development”, op. cit., p.31.

³¹ N. Chomsky, “What Kind of Creatures are We?: i. What is Language? ii. What Can we Understand? iii. What is Common Good?”. Em: *The Journal of Philosophy*, vol. CX, no. 12, dezembro 2013, p. 656.

Merge interna e externa, fundamentado pelo paradigma conjuntístico. Numa formulação recente, Chomsky explica como:

A operação computacional mais simples, encaixada de certa maneira em cada procedimento computacional relevante, pega os objetos X e Y já construídos e forma um novo objeto Z. O princípio de Computação Mínima afirma que nem X nem Y são modificados por Merge, aparecendo em Z sem ordem (*unordered*).

Portanto, Merge: $(X, Y) = \{X, Y\}$ ³².

Merge é também aquilo que Chomsky propõe para explicar mais profundamente o seu argumento sobre a “pobreza de estímulo”. Como temos visto neste princípio da UG, aplicada à aquisição da linguagem em crianças, a primeira língua é adquirida por crianças numa maneira essencialmente espontânea. Esta capacidade é intrínseca ao organismo, num período curto de tempo, e apenas numa idade quando as competências intelectuais gerais parecem ser mais potentes que em adultos (normalmente, nos quatro primeiros anos de vida). Usar a língua, conforme esta tese, não implica uma compreensão do uso, tampouco a consciência da diferença vivida ao usá-la. Não há deliberação envolvida na parte da criança:

[Merge] não significa, bem entendido, que o cérebro contém conjuntos, tal como certas interpretações erradas defendem. Ao invés disso, qualquer que seja a situação que aconteça no cérebro, há propriedades que podem bem ser caracterizadas nestes termos³³.

³² Ibid.

³³ Para salientar a projeção conceitual feita por Chomsky na ideia de “conjunto” num contexto biolinguístico, cito por extenso *The Science of Language*: “In the work that I've done since *The Logical Structure of Linguistic Theory* – which just assumes set theory – I would think that in a biolinguistic framework you have to explain what that means. We don't have sets in our heads. So you have to know that when we develop a theory about our thinking, about our computation, internal processing and so on in terms of sets, that it's going to have to be translated into some terms that are neurologically realizable. I don't know how helpful pure nominalism will be, but there is a gap there that the nominalistic enterprise is focused on. It's a gap that has to be overcome. There are a lot of promissory notes there when you talk about a generative grammar as being based on an operation of Merge that forms sets, and so on and so forth. That's something metaphorical, and the metaphor has to be spelled out someday. Whether this is a high priority for today or not, I don't know. But in the 1950s as a student of [Nelson] Goodman's – I was terribly impressed by him, as was everybody that knew him – I was convinced that you had to do it that way. But I came to the conclusion that it's either premature

Portanto, por mais que possa ser dito tratar-se de uma analogia, a ideia de conjunto aqui não é mais metafórica que alguns poderiam alegar da função do conjunto na ontologia intrínseca de Alain Badiou.

Se for concedido o caráter biológico da geração linguística, então as partes formais das estruturas sintáticas mapeadas em series de palavras conservam uma estrutura hierárquica na frase subjacente à sequência linear. Desta maneira, a hierarquização corresponde à correção teórica que a geometria riemanniana operava com a geometria euclidiana. Portanto, a composição de uma frase não é linear, mas estrutural. A frase decomposta na teoria X-barras das árvores sintáticas é prova desta afirmação, na formação de grupo de orações dentro de frases, ao invés de alinhamento de palavras em sequência³⁴.

Portanto, na perspectiva da biolinguística, a operação recursiva proporcionada por *merge* ocorre por meio de um fenômeno de “maior proximidade estrutural”³⁵. De acordo com Chomsky, uma estrutura sintática pertence ao mesmo grupo de processos que governa também a formação de configurações cristalinas em autômatos naturais, sendo que a linguagem é “algo como um floco de neve, que assume sua forma particular em virtude das leis da natureza – neste caso, princípios de eficiência computacional – uma vez que o modo básico de construção seja disponível, e que isto satisfaz quaisquer condições impostas nas interfaces”³⁶. No entanto, por mais que Chomsky saliente esta dimensão natural da linguagem, o modo pelo qual se pensa o conceito mesmo de natureza na extensão filosófica da sua epistemologia parece

or hopeless, and if we want a productive theory-constructive [effort], we're going to have to relax our stringent criteria and accept things that we know don't make any sense, and hope that some day somebody will make some sense out of them – like sets.” N. Chomsky, *The Science of Language*, op. cit., p. 116.

³⁴ N. Chomsky, *Syntactic Structures*, op. cit.

³⁵ Recentemente, pesquisas feitas no MIT parecem comprovar empiricamente que este fenômeno, embora apenas uma das propriedades da FLN, seria um princípio universalmente distribuído entre as línguas. < <http://arstechnica.co.uk/science/2015/08/mit-claims-to-have-found-a-language-universal-that-ties-all-languages-together/>>. (Acesso 6 de agosto de 2015.)

³⁶ N. Chomsky e R. Berwick, “The Biolinguistic Program: The Current State of its Development”, op. cit., p. 30; N. Chomsky, “What Kind of Creatures are We?”, op. cit., p. 662.

menos claro.

Por isso, quero me dirigir a uma discussão recente, cujo objetivo é eventualmente o de formular uma posição sobre o corpo humano adequado para servir de base hipotética a fim de integrar a faculdade da linguagem. Chomsky defronta-se na discussão com a crítica de duas doutrinas filosóficas: as ortodoxias materialistas e externalistas. Na primeira crítica, o materialismo (em que ele inclui grande parte da ciência e da filosofia do século 17 e 18, inclusive o naturalismo do século 20) é refutado por um argumento que situa Newton como o destruidor da física mecânica cartesiana em virtude do descobrimento da gravidade. Na concepção newtoniana, a gravidade representa a introdução de uma terceira entidade no universo, além da forma e da matéria: “a física newtoniana madura – a versão final da *Principia* – invoca não o dualismo, mas um tipo de *trialismo*, com a matéria passiva, as forças ativas e um “éter subtil” que os relaciona”³⁷. A partir desta perspectiva, Chomsky considera que o modelo Cartesiano do corpo-máquina e o seu movimento gerado pelo contato entre superfícies encontram seu limite de validade. O que decorre do descobrimento da gravitação logo cria um problema para a concepção do mundo físico, a *res extensa* cartesiana, e especificamente para a noção de corpo. Em outro lugar, examinamos como a crítica da teoria moderna do sujeito tem implicações diferenciais para uma teoria unificada do corpo, da sua delimitação e das suas capacidades³⁸. Contudo, por mais que Chomsky rejeite todo uso de modelos literários, estéticos ou psicanalíticos para se repensar o corpo, a sua própria posição é polêmica no meio das ciências.

Uma consequência das suas teses não ortodoxas da história da ciência diz respeito especificamente à linguagem. Desde o início da sua pesquisa sobre a relação entre a gramática de línguas e a capacidade computacional do cérebro humano, Chomsky sustenta que a linguagem demonstra aspectos físicos, tanto que qualquer outra coisa

³⁷ N. Chomsky, *Perspectives on Power - Reflections on Human Nature and the Social Order*, Montréal, Black Rose Books, 1997, p. 40.

³⁸ N. Madarasz, “A Ausência do corpo na ontologia”. Em: C. Murta (org.), *Entre Corpos*, Curitiba, CVR Editora, 2016, pp. 111-149.

produzida e utilizada pelo corpo humano. Por isso, uma filosofia da mente que não identifica o que é um corpo, ou como este seria constituído em suas diversas funções, torna o dualismo mente-corpo irrefutável, mesmo se indecível quanto à sua falsificação. No entanto, o que pode ser inferida mais seguramente é a afirmação segundo a qual a linguagem não é apenas um artefato cultural.

Seja como for, Chomsky não se apressa para subjetivar o corpo, ou torná-lo um tópico ôntico-ontológico — soluções visivelmente sem êxito para as ciências empíricas. Poderia bem ser o caso que a biologia molecular e a genética estivessem começando a enxergar o que é o “corpo”, mas não há um claro discernimento da capacidade cognitiva do corpo biológico, nem dos seus limites embora finitos quando se considera o efeito da gravitação nas suas funções. Portanto, se Chomsky estiver correto, o projeto quineano de “naturalizar” a filosofia não faria sentido, pois

...a filosofia não demonstra uma compreensão dos seus conceitos e das suas categorias, [e de que eles] já fazem parte da realidade física. A filosofia é nada menos que naturalizada, na sua essência, mesmo se ela parece o ignorar. Ora, Descartes, Locke e Hume todos remetem a um poder especial e singular, outorgado ou por Deus ou pela Natureza, que põe na mente/corpo humano algo responsável pelo uso da linguagem, e especificamente a capacidade de atingir fins infinitos por meios finitos (Humboldt)³⁹.

Desta forma, a linguagem não é apenas um sistema de produção de formas materiais. Nem por isto, a linguagem, de acordo com Chomsky, seria uma capacidade simples de gravar informação, tal como o sustentaria a “ortodoxia externalista”⁴⁰. Aí se encontram as bases de várias objeções que Chomsky levanta contra a filosofia analítica da linguagem. Entre as teses rejeitadas, encontra-se a abordagem da linguagem feita por G. Frege. Ainda segundo Chomsky, a linguagem natural não

³⁹ “Philosophy does not demonstrate an understanding about its concepts and categories [that they] are already part of physical reality. Philosophy is nothing but naturalized, in its essence, although it seems ignorant of that. Now, Descartes, Locke and Hume all refer to some special and singular power bestowed, either by God or by Nature, into the human mind/brain that is responsible for language use, and specifically the ability of reaching infinite ends by finite means (Humboldt).” N. Chomsky, *Perspectives on Power*, op. cit., p. 43.

⁴⁰ N. Chomsky, *The Science of Language*, op. cit., p. 89.

reconhece a categoria “expressão bem-formada” e os tipos naturais (*natural kinds*) de H. Putnam, categorias que negariam a dimensão biológica da linguagem em prol de uma *metafísica* da natureza. Na base da sua rejeição é o argumento dito de “terceiro mundo” de Frege, segundo o qual uma linguagem comum expressa pensamentos extra empíricos (mesmo se Chomsky aceita esta tese dentro de limites *biológicos*). Contra qualquer remanescência da teoria de substância, aquilo que o convence é que algo da ordem de um sistema de “*parsers*” (*analísadores sintáticos*), cuja existência é postulada como componente “interpretativo”, seleciona dados simbólicos *dentro* da FL. Neste nível, não existiria uma semântica baseada principalmente sobre referências, como se entende o significado clássico deste termo. O fato de que se trate de um nível operacional em que se mostra aspectos semânticos faz com que a semântica filosófica se torna uma sintaxe ocultada. Em conclusão destas críticas levantadas por Chomsky à história das ciências, a linguagem deve ser pensada como um fenômeno *internalista e natural*.

Baseado nestes argumentos no contexto da filosofia da ciência, a perspectiva mais recente sobre a gramática gerativa de Chomsky explicitada num nível biolinguístico do “programa minimalista” apresenta elementos de uma ontologia realista que é estruturalista quanto à sua concepção da subjetividade. Desde 1995, Chomsky tem tornado a UG mais explícita na sua importância ontológica⁴¹. Ao afirmar isto, não estamos nos alinhando a um posicionamento global sobre a ciência, tal como se encontra nos autodenominados “novos realistas”, quem de viés sellarsiano, alegam que toda ciência contém de forma latente pressupostos metafísicos. As posições críticas da propensão filosófica para produzir metafísica não devem ser vistas menos como falha que ampliação da representação do campo científico. Por exemplo no sistema de A. Badiou, uma perspectiva realista mais especificamente estruturalista demonstra que ao analisar expressões e localizações de práticas discursivas e não discursivas, a ontologia deva ser analisada *a partir da especificidade da prática*

⁴¹ N. Chomsky, *The Minimalist Project*. op. cit.

científica, assim respeitando a sua diferença, mas ao mesmo tempo articulando o que a ciência apresenta de comum a outros conjuntos de práticas de produção de verdades. Ao considerar a UG de modelo por uma teoria de sujeito genérico, o gesto contrário às teorias textualistas é feito. Não é mais relevante, tampouco interessante, reduzir a ciência a um texto, do modo de R. Rorty⁴². A articulação de desejos e de crenças pertence às partes distintas de um estado da situação geral em que são vivenciados processos de formação de identidades, mas cuja forma *individualizada* decorre dos parâmetros dentro dos quais é *condicionado* intrinsecamente o processo de subjetivação.

Por isso, sustenta-se que a teoria científica da linguagem proposta por Chomsky contém também uma *ontologia* de uma forma radicalmente não idealista que poderia ser caracterizada como sendo *imanente* ao ser, além de inato ao sujeito. No seu modelo fundacional, trata-se da articulação de uma nova “forma subjetiva” da ciência, a partir da qual a sua perspectiva para reescrever a história e a filosofia da ciência se explicita melhor, pois são propostas para assentar a tese da faculdade da linguagem e de uma ciência radicalmente nova em que se diz respeito aos próprios critérios da *identidade da ciência*.

III

A asserção mais proeminente desta delegação fundacionista na obra de Chomsky é que a UG não é *uma linguagem, tampouco uma gramática*. A UG é um sistema que consiste num processo ge(ne)rativo mapeado sobre duas interfaces que são conceitual-intencional e semântico-linguístico. A pesquisa mais duradoura que contribuiu para representar UG é a “teoria X-barra”, parte do denominado Modelo Standard. É a teoria X-barra que demonstrava que a função gerativa da UG não produz entidades lineares, isto é, frases compostas de acumulação serial e linear de palavras. Ao invés disso, a função gerativa organiza frases estruturadas hierarquicamente de acordo com as categorias de especificador-cabeça-adjunto

⁴² R. Rorty, *Philosophy and the Mirror of Nature*, Princeton, N.J.. Princeton University Press, 1979.

(“specifier-head-complement”). Tratam-se de espaços lexicais mapeados, nos quais a separação entre termos ou “palavras” – sem limitar estas como costuma-se fazer na filosofia da linguagem, apenas às *substantivas*, ou aos *nomes próprios* – ocorre de acordo com as propriedades do infinito discreto⁴³. A próxima observação importante neste ponto é a seguinte: pouco importa quão as demonstrações de Chomsky são generativas, no programa inicial do Standard Model elas *não* são conjuntística, muito menos, matemáticas. No entanto, a distância tomada com a teoria dos conjuntos mudará, como temos visto, no programa biolinguístico. De acordo com Chomsky, a relação “specifier-head-complement” não existe na FL, nem como entidade teórica. Desta forma também, Chomsky defende que “a” linguagem existe⁴⁴.

Além de não ser uma linguagem e de não ter como função primária a comunicação, Chomsky defenderá também que o surgimento deste fenótipo linguístico poderia ser o resultado de uma mutação genética. Não obstante o sentido específico deste termo, sua generalidade, abstração e falta de localização e temporalidade identificáveis, fariam desta “mutação” algo, por definição, da ordem de um *acontecimento* na ontologia do sujeito genérico de Alain Badiou. A questão de a mutação ser realmente um acontecimento, ou não, é de suma importância para esta leitura ontológica que propomos, que situa um nexos focal entre o realismo e o inatismo (nativismo) apresentado pela teoria da UG. Na sua ontologia, Badiou, por exemplo, permanece não alinhado ao inato, tal como ele expressa prudência ao localizar *onde* se articula a subjetividade: nem exatamente no cérebro, na mente ou no corpo, tampouco na linguagem⁴⁵.

A partir de uma perspectiva especulativa, houve poucos projetos filosóficos, se é que houve um só, que se aventuraram para suspender a dimensão cognitiva investida no cérebro-mente-FL, e examinar um paradigma científico liberado dos paradigmas

⁴³ H. Lasnik et al., *Syntactic Structures Revisited*, op. cit., p. 128.

⁴⁴ N. Chomsky, *The Minimalist Program*, op. cit., p. 114 e seguintes.

⁴⁵ A. Badiou, *L'Être et l'événement*, Paris, Éd. du Seuil, 1988; N. Madarasz, “The Biolinguistic Challenge to an Intrinsic Ontology”. Em: J. Vernon, Jim e A. Calcagno, *Badiou and Hegel: Infinity, Dialectics, Subjectivity*, (ed.) Nova Iorque, Lexington Books, 2015, pp. 123-154.

sujeito/objeto naturalizados. Que isto seja um problema filosófico em si, talvez adorne a nossa perspectiva de pesquisa com um certo gosto continental. Porém, como se leva a entender em recentes escritas de Bas van Fraassen, por exemplo⁴⁶, o que pressiona o método analítico não é tanto a consideração do *sujeito* na lógica científica (“*the self*”, expressado na primeira pessoa), mas a ideia que a primeira pessoa exige visivelmente uma lógica que suspende, em determinados *topoi*, o princípio de não-contradição. Ora, os descobrimentos do *estruturalismo francês*, ao começar com o conceito de acontecimento e as teses da descontinuidade epistêmica, já apontavam para uma concepção de limite que é gerativa a partir de uma contradição radical de um processo de subjetivação mediante sua indiscernibilidade. Pois o estruturalismo se diferencia fundamentalmente daquilo que veio a ser denominado “pós-estruturalismo” no que o modelo referencial que serve para os projetos de epistemologização das ciências humanas é a linguística gerativa e a lógica matemática, ao invés de artística, estética ou política.

A decisão ontológica de Badiou compartilha o surgimento acontecimental entre multiplicidades ordenadas e inconsistentes. Desta forma, a sua ontologia do múltiplo é derivada daquilo que *há* (“*il y a*”), mas não do sujeito (qualquer seja a posição gramatical) – mediante que o “*aquilo que há*” não seja pressuposto como identificável em uma forma completa. A sua ontologia é *minimalista*, pois não se propõe a fundamentar o sujeito comum, ainda menos o sujeito ético “burguês”. A ontologia realista fundamentada por Alain Badiou, em que a UG chomskyana deve ser lida como delineando a vertente científica, concentra-se no sujeito em transformação diferencial.

A partir do terreno subjetivo, o “pensamento” é o que ainda deve ser distribuído universalmente. O seu campo decorre da geração de estruturas cuja forma múltipla também deve se manter subtraída aos dispositivos de identificação da ciência normal

⁴⁶ B. Frassen, “The Transcendence of the Ego: the non-Existent Knight”. Em: *Ratio* (new series) XVII 4, dezembro 2004, pp. 453-477.

e do estado normal de uma situação, *se se espera manter a dimensão genérica do sujeito*. Se for aceita a tese do “aspecto criativo do uso da linguagem”⁴⁷ para capturar aquilo que é o mesmo para todos os seres pensantes, então chegamos perto de estruturas isomórficas: a geração da *verdade* e a *prática da matemática* acerca do conceito elementar de multiplicidade.

Desta forma, o realismo ontológico de Badiou estabelece que a verdade é a mesma para todos, qualquer seja o discurso ou a cultura. Isso não implica que o conteúdo semântico-pragmático o seja também, mas em termos de uma função, a verdade determina o sujeito. Igualmente, a matemática é projetivamente a mesma para qualquer cultura. Se o radicalmente novo não tem uma articulação prévia, e se apresenta de forma extra-legal ou *ilegal*, então estimar-se-ia que se trata de uma experiência que só poderia ser inscrita estruturalmente, como se fizesse um salto a partir do barulho até uma afecção de mundo. Como H. Lasnik acrescenta no que diz respeito ao conceito de infinito na UG, “a capacidade para produzir e entender novas frases é intuitivamente relacionada à noção de infinito. Infinito é uma das propriedades fundamentais de linguagens humanas, talvez a mais fundamental.”⁴⁸ A produção de novas frases não é *ipso facto* prova de uma subjetividade maior em construção, tampouco uma fenda no transfinito. Mas o vínculo ao infinito abre uma linha de pensamento que faz da originalidade radical do modelo chomskyano um mapa potencial para uma ontologia matemática que é estruturalmente realista em suas implicações, isto é, em suas gerações subjetivas de identidades. Sugere ao mesmo tempo que a *ontologia* em termos *filosóficos* terá se desgastada.

A questão então é: por que focar na ciência teórica do ser enquanto ser para estruturar a potencialidade discursiva do singularmente novo, ao invés de focar em uma teoria biológica experimental e empírica das práticas linguísticas, potencialmente infinita em sua extensão? Uma resposta deverá focar na capacidade

⁴⁷ H. Lasnik et al., *Syntactic Structures Revisited*, op. cit., p. 3.

⁴⁸ Ibid.

de expansão metodológica e conceitual no contexto ontológico. O problema com esta resposta é que pressupõe uma identidade referencial num círculo vicioso. Por outro lado, nada deveria limitar os conceitos de “vida” e de “natureza” ao meramente empírico, especialmente na medida em que a teoria dos conjuntos pode eventualmente ser substituída por sistemas criados a partir destes designadores sem ariscar uma infiltração semântica. A dinamização da UG faz também parte da luta conceitual e teórica para a livrar de aspectos localizados especificamente em gramáticas particulares.

Três fatores interagem para determinar a I-linguagem nesta perspectiva múltipla:

O patrimônio genético (o tópico da UG);

A experiência, que leva à variação, numa gama relativamente estreita; e

Os princípios que são independentes da linguagem, ou até mesmo do organismo, (isto é, os constrangimentos na aquisição da linguagem e do desenvolvimento que implicam um processamento de dados e de arquiteturas estruturais, respectivamente)⁴⁹.

No programa biolinguístico, a faculdade da linguagem vem a ser um “órgão do corpo”, junto com outros sistemas cognitivos, mesmo que a noção de “corpo” permaneça subtraída de uma determinação idêntica. Deste ponto de indeterminação corporal, Chomsky e Berwick enfatizam duas questões da linguagem pertinentes à verificação desta leitura ontológica de uma função natural de geração de identidades subjetivas:

Primeiro, por que será que existem linguagens no primeiro lugar, evidentemente únicas à linhagem humana, o que os biólogos evolucionários denominam “*autapomorfia*”? Segundo, por que será que existem tantos idiomas diferentes? Estes são, de fato, as questões básicas de origem e variação que tão ocupavam Darwin e

⁴⁹ N. Chomsky, “Three Factors in Language Design”. Em: *Linguistic Inquiry*, 36:1, p. 6.

outros pensadores evolucionários, e compõem o centro explanatório da biologia moderna: por que observamos *esta* gama particular de formas vivas no mundo e não outras? Nesta perspectiva, a ciência linguística junta-se à tradição biológica moderna, apesar dos seus detalhes abstratos aparentes, como tem sido observado⁵⁰.

Ao considerar estas questões, faz-se necessário também a verificar se as bases entre estas orientações são suficientes para articular uma teoria da subjetivação, cujo processo é indiscernível em virtude de ser não-idêntica. Badiou tem sido silencioso na maioria do tempo sobre a biologia. O mais perto que ele tem chegado a submeter a sua teoria do sujeito a um contexto biológico pode ser encontrado no seu artigo de 1992 sobre o historiador e filósofo das ciências da vida, Georges Canguilhem. Eis onde a dimensão infra-humana da subjetivação é mais claramente exposta no seu sistema, análise que legitimará a leitura ontológico proposta aqui da identidade.

Badiou filtra a pesquisa de Canguilhem para reforçar que a sua neutralidade diz respeito à defesa de uma teoria psicológica, transcendental ou substancial do sujeito. Isto o conduz a isolar uma teoria singular construída sobre a ideia fundamental que uma pessoa doente é um sujeito que escapa da racionalidade lisa do saber médico assim quanto da captura técnica pela medicina moderna. A experiência profunda de agitação e preocupação vinculadas ao surgimento da doença cria novas dimensões experienciais pela identidade de um sujeito além daquelas implicadas brutalmente na morte. Por mais que acontecimento e morte encontrem-se em um dos significados da descontinuidade, o acontecimento designa também emergência, proveniência, e a ficção da origem envolvida com a narrativa do nascimento. Ao vincular acontecimento com subjetividade, Badiou enfatiza sobretudo o ato de *deslocamento* que proporciona os sistemas produtores da vida. Neste passo, Badiou se apoia em um dos textos-chave de Canguilhem, “Le Concept et la vie”, de 1966, assim voltando a salientar que o sujeito, estruturalmente e em termos da sua identidade, *inexiste*. Na

⁵⁰ R. Berwick, Robert e N. Chomsky, *Why Only Us: Language and Evolution*, Cambridge, Mass., The MIT Press, 2016, p. 53; e N. Chomsky com R. Berwick, “The Biolinguistic Program”, op. cit., p. 19.

conclusão do artigo, Canguilhem descreve como

o homem se engana quando não se coloca em um lugar adequado para recolher [*recueillir*] o tipo de informação que ele procura. Mas também, [o homem] recolhe [*recueille*] informações na medida em que se desloca ou em deslocar, por várias técnicas – e poder-se-ia dizer que a maioria das técnicas científicas serve exatamente este processo – os objetos uns em relação aos outros, e o conjunto em relação a ele [o homem]. O conhecimento é, portanto, uma busca inquieta pela maior quantidade e variedade possível de informações. Por conseguinte, ser sujeito do conhecimento, se o *a priori* está nas coisas, se o conceito está na vida, é somente ser insatisfeito com o sentido encontrado. A subjetividade é então apenas insatisfação. Mas é talvez isto a vida mesma. A biologia contemporânea lida de certa maneira com isso, é um tipo de filosofia da vida⁵¹.

A experiência vivida do sujeito no contexto da ciência moderna é precisamente a base sobre o qual Canguilhem articula a superação do sujeito cartesiano (o paradigma sujeito-objeto) na fenomenologia. Ainda que a matematização das ciências da vida seja complexa, a teoria do sujeito de Canguilhem é relevante ao se situar no ponto do surgimento de experiências patológicas, cuja reconstituição em sujeito não é previsível. As ciências da vida teriam também um patrimônio dos mesmos princípios *a priori* que Badiou tende a inserir numa ontologia formalista, mesmo se eles são tão latentes e implícitos quanto qualquer estrutura completa da verdade. Neste sentido, a advertência de Canguilhem é ainda clara:

Portanto, num sentido em que Aristóteles não estava errado era em dizer que um certo tipo de matemática, a única matemática que ele conhecia, não era de utilidade alguma para entender formas biológicas, formas determinadas pela causa final ou pela totalidade, formas que não descompõem, em que o início e o fim coincidem e a atualidade superava a potencialidade. [...] Se a vida for a produção, transmissão e recepção de informação, então é claro que *a história da vida implica simultaneamente*

⁵¹ G. Canguilhem, Georges, *Le concept et la vie*. Em: *Revue Philosophique de Louvain*, terceira série, tomo 64, N°82, 1966, pp. ;193-223, *apud* A. Badiou, “Y a-t-il une théorie du sujet chez Canguilhem”. Em: *L’Aventure de la philosophie française: depuis les années 1960*, Paris, La Fabrique, 2012, p. 77.

*conservação e inovação*⁵².

A simultaneidade da conservação e inovação, eis como Badiou leu Canguilhem a fazer o retrato da emergência da noção de “meio” (*milieu*) nas ciências da vida. Em uma das transformações fundamentais que ocorre no século XVII, Canguilhem argumenta que “homem” não é mais o meio do universo, mas se torna um espaço no meio. Neste espaço no meio, seres humanos criaram a temporalidade necessária para constituir o sujeito infinito do saber. Chomsky mostra que o infinito é proporcionado pelo sistema generativo que produz expressões infinitas de frases, uma característica comum às estruturas sintáticas e à série dos números naturais. Em última instância, a distância que Badiou reservava para com a biologia é apenas um passo diferido, suspenso ao contentamento do sujeito genérico a *se identificar*.

Quando se considera como Chomsky descreve o *saber* adquirido pelo organismo, como alcança o desenvolvimento motor suficiente para que a faculdade da linguagem gere a forma sintática, cuja externalização ocorre contingencialmente por meio do mapeamento léxico filtrado por uma dupla interface, é possível concordar com Canguilhem que o “conceito está na vida” e que a *subjetividade é insatisfação, descontentamento* diante dos limites da vivência. Disso segue um reconhecimento ontológico, na densidade organizadora biológica, de um vivo. Isto será a confirmação para Badiou da existência de uma teoria do sujeito em Canguilhem:

na medida em que existe no universo um *vivo* tal como, insatisfeito do sentido e apto a deslocar as configurações da sua objetividade, aparece sempre, na ordem da vida e no equívoco do adjetivo, como um vivo um pouco *déplacé* [*deslocado*]⁵³.

A excepcionalidade desta figura do sujeito parece não impressionar a perspectiva biológica em que os seres humanos são no fundo animais, não obstante a capacidade exterminadora deles, mas o sujeito gerativo de Chomsky e o sujeito genérico de

⁵² G. Canguilhem, Georges, *Vital Rationalist: Selected Writings from Georges Canguilhem*, (ed.) F. Delaporte, (trad.) A. Goldhammer, Nova Iorque, Zone Books, 1994, p. 318. [“Le Concept et la vie”. Em: *Études d’histoire et de philosophie de la science*, 1968, pp. 360-64].

⁵³ A. Badiou, “Y a-t-il une théorie du sujet chez Canguilhem”, op. cit., p. 79.

Badiou são transformacionais e criativos em um sentido *universal e radical*. É verdade que a teoria de Chomsky é universal formalmente falando, mesmo se ninguém possa afirmar que todos os seres humanos alcancem a criatividade necessária por que expressões transformacionais proporcionadas pela recursão conjuntista *se realizam*. Levando em consideração que os dois são projetivos, e lutam pela determinação como entidades singulares, expressivas e criativas, a vida, a natureza e o ser parecem convergir bem explicitamente no formalismo de uma ontologia conjuntística.

Não mais que Badiou, Chomsky se recusa a defender que este modelo pode ser isolado. De fato, um dos maiores desafios dos modelos, uma vez que avançam rumo a uma verificação biológica, consiste em decifrar seus contornos num processo cujo modo de “externalização” faz parte do processo de criação potencialmente contínua. Pois, de acordo com Chomsky, “toda pesquisa biológica e evolucionária recente leva à conclusão que o processo de externalização é secundário”⁵⁴. Desta maneira, haveria uma vida de sistema inata ao organismo humano, a seu cérebro, que não apenas determina a individualização do sujeito, mas cuja racionalidade informa a dimensão produtiva implicada pela existência. No entanto, é em virtude da *intencionalidade* deste modelo primordial, a sua inscrição numa teoria minimalista de conjuntos, que este projeto se torna importante para a filosofia. É concernente à relação da filosofia com a delimitação de práticas científicas neste século, e sua pretensão a configurar os processos de subjetivação radical que o realismo pode, de fato, ainda muito nos informar sobre a viabilidade dos seus *descobrimientos*

*

Os processos e as possibilidades da cientifização e da formalização dos saberes, tal como a história e a história filosófica das ciências, parecem ser bem entendidos hoje. Por isso, caso a ciência da referência ainda fosse a física ou a química, como na tradição kuhniana da história crítica das ciências, faria pouco sentido

⁵⁴ N. Chomsky e R. Berwick, “The Biolinguistic Program: The Current State of its Development”, op. cit., p. 32; N. Chomsky, “What Kind of Creatures are We?”, op. cit., p. 654.

retrospectivamente matematizar a história em maneiras semelhantes ao processo positivista pelo qual as ciências anteriores foram formalizadas. Se a história for considerada um processo de produção de verdades localizadas em contextos e parâmetros estritamente delimitados, exigirá outra ciência de referência, uma que seja revolucionária, mas subjacente, à ideologia e à política. Se isto corresponde ao caminho tomado outrora por L. Althusser, o *Cercle d'Ulm*, sua equipe de pesquisa abrangente e autônoma⁵⁵, e o M. Foucault da *Arqueologia do saber*, ainda seria necessária uma teoria da narrativa e da temporalidade históricas que pudessem responder à ontologia intrínseca da multiplicidade em n-dimensões. Aquilo que fora subestimado na época da sua atuação, nos anos 1960, é aquilo que Badiou integra no seu sistema no ponto específico onde a ontologia é vinculada à história não por meio da análise da prática científica normalizada, mas das normas que *revolucionam* a ciência mesma.

Nesse artigo, mostramos que é possível fazer uma leitura da biolinguística chomskyana a partir de uma ontologia organizada pelo método de análise estrutural, em que se verifica o caráter revolucionário do programa chomskyano para a identidade da ciência. No entanto, ao remeter-me à ontologia de Alain Badiou, o caso mais complexo da ciência revolucionária é aquele que o seu sistema ignora, a saber o programa biolinguístico de Noam Chomsky. Apesar desta omissão, argumentei que, de acordo com a própria justificação dada por Badiou sobre a potência ontológica da teoria dos conjuntos, o Programa Biolinguístico enquanto a versão mais avançada da teoria da Gramática Universal fundamentada pela teoria de “*merge*”, é tão revolucionária que vem excedendo a condição científica no sistema de Badiou. Desta forma, a biolinguística oferece um modelo alternativo ao da ontologia matemática para fundamentar a ontologia intrínseca. O que significa também uma proposta por uma compreensão ainda melhor da geração da identidade enquanto processo

⁵⁵ P. Hallward e K. Penden (ed.), *Concept and Form*, vol. 2, Nova Iorque, Verso, 2012.

genérico de subjetivação.

Bibliografia

- A. Badiou, *L'Être et l'événement*, Paris, Éd. du Seuil, 1988 .
- A. Badiou, *Manifeste pour la philosophie*, Paris, Éditions du Seuil, 1989.
- A. Badiou, "Y a-t-il une théorie du sujet chez Canguilhem?". Em: *L'Aventure de la philosophie française, depuis les années 1960*, Paris, La Fabrique, 2012.
- Aristóteles, *Metafísica*, Org. M. Reale, trad. M. Perini, São Paulo, Loyola, 2002.
- B. Mampe; A. D. Friederici; A. Christophe; K. Wermke, "2009 Newborns' cry melody is shaped by their native language". Em: *Current Biology* 19 (23), 1994 – 1997.
- B. Van Frassen, "The Transcendence of the Ego, the non-Existent Knight". Em: *Ratio* (new series) XVII 4 dezembro 2004, pp. 453-477.
- B. Van Frassen, "Structuralism(s) About Science, Some Common Problems". Em: *Proceedings of the Aristotelian Society*, LXXXI (2007), 45–61.
- C. Boeckx, "Some Reflections on Darwin's Problem in the Context of Cartesian Bilingualism". Em: Boeckx, C. e Scully, A-M., *The Bilingual Enterprise. New Perspectives on the Evolution and Nature of the Human Language Faculty*, Londres, Oxford University Press, 2011, pp. 42-64.
- C. Boeckx, "Some Thoughts on Bilingualism". Em: *Veritas*, vol. 60(2), 2015, pp. 207-221.
- C. Boeckx; A-M. Scully (eds.), *The Bilingual Enterprise. New Perspectives on the Evolution and Nature of the Human Language Faculty*, Londres, Oxford University Press, 2011.
- C. Taylor, *The Language Animal, The Full Shape of the Human Linguistic Capacity*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 2016.
- E. Lenneberg, *Biological foundations of language*, Nova Iorque, John Wiley and Sons, 1967.
- G. Canguilhem, "Le concept et la vie". Em: *Revue Philosophique de Louvain*, terceira série, tomo 64, N°82, 1966, pp. 193-223.
- G. Canguilhem, *Études d'histoire et de philosophie de la science*, Paris, Librairie J. Vrin, 1968.
- G. Canguilhem, *Vital Rationalist, Selected Writings from Georges Canguilhem*, ed. François Delaporte e trad. Arthur Goldhammer, Nova Iorque, Zone Books, 1994.
- G. Frege, "*Les fondements de l'arithmétique*", trad. C. Imbert, Paris, Le Seuil/L'ordre philosophique, 1969.

- G. Frege, “Recherches logiques, *La Pensée*”. Em : *Écrits logiques et philosophiques*, trad. Claude Imbert, Paris, Points/Essais, 1971.
- H. Lasnik et al. (M. Depiante; A. Stepanov, Arthur) *Syntactic Structures Revisited, Contemporary Lectures on Classic Transformational Theory*, Cambridge Mass, MIT Press, 2000.
- H. Putnam, *The Many Faces of Realism*, La Salle, Ill. Open Court Press, 1987.
- L. B. Antony e N. Hornstein, *Chomsky and his Critics*, Nova Iorque, Routledge, 2003.
- L. Pettit, “How the brain begets language”. Em: J. McGilvray (ed), *The Chomsky Reader*, 85 – 101, Cambridge, Cambridge University Press, 2005.
- M. De Landa, *A Thousand Years of Nonlinear History*, Nova Iorque, Swerve Books, 2000.
- M. Foucault, *Les Mots et les Choses. Une archéologie des sciences humaines* Paris, Ed. Gallimard, 1966.
- M. Foucault, *L'Archéologie du savoir*, Paris, Gallimard, 1969.
- M. Hauser; N. Chomsky; T. Fitch, “The Faculty of Language, What Is It, Who Has It, and How Did it Evolve?”. Em: *Science* 298, número 5598 (2002), p. 1569-79.
- M. Pattelli-Palmarini; J. Uriagereka, “A Geneticist’s Dream, a Linguist’s Nightmare, The Case of FOXP2”. Em: Boeckx, C. e Scully, A-M, *The Biolinguistic Enterprise. New Perspectives on the Evolution and Nature of the Human Language Faculty*, Londres, Oxford University Press, 2011, pp. 100-125.
- N. Chomsky, *Syntactic Structures*, The Hague, Mouton, 1957 (segunda edição, 2002)
- N. Chomsky, *Language and Problems of Knowledge, The Managua Lectures*, Cambridge, Mass., MIT Press, 1988.
- N. Chomsky, *The Minimalist Project*, Cambridge, Mass., MIT Press, 1995.
- N. Chomsky, *Perspectives on Power. Reflections on Human Nature and the Social Order*, Montréal, Black Rose Books, 1997.
- N. Chomsky, “The Mysteries of Natures”. Em: *The Journal of Philosophy*, CVI (4), abril, 2009, pp. 167-2000.
- N. Chomsky, “Three Factors in Language Design”. Em: *Linguistic Inquiry*, Vol. 36. n. 1., inverno 2005, pp. 1-22.
- N. Chomsky, *Sobre natureza e linguagem*, São Paulo, Martins Fonte, 2006
- N. Chomsky, *The Science of Language - Interviews with James MacGilvray*, (ed.) N. Chomsky; J. MacGilvray, Londres, Cambridge University Press, 2012
- N. Chomsky, “What Kind of Creatures are We?, i. What is Language? ii. What Can we Understand? iii. What is Common Good?”. Em: *The Journal of Philosophy*, Vol. CX, no. 12, dezembro 2013, pp. 645-700.

N. Chomsky; R. Berwick, “The Biolinguistic Program, The Current State of its Development”. Em: *The Biolinguistic Enterprise. New Perspectives on the Evolution and Nature of the Human Language Faculty*, (ed.) Anna Maria di Sciullo e Cedric Boeckx, Londres, Oxford University Press, 2011.

N. Chomsky; M. Hauser; T. Fitch, “Apêndice”. Em: *The Minimalist Program*, 1995 (resposta a Jackendoff e Pinker, 2004).

N. Madarasz, *O Múltiplo sem Um. Uma apresentação do sistema de Alain Badiou*, São Paulo, Editora Ideias e letras, 2011.

N. Madarasz, “Apresentação do Dossiê, Sistema e Ontologia na Filosofia francesa contemporânea II”. Em: *Veritas*, vol. 59, no. 2, 2014, pp. 223-229.

N. Madarasz, “Apresentação do Dossiê, Filosofias da biologia”. Em: *Veritas*, vol. 60, no. 2, 2015, pp. 223-229.

N. Madarasz, “A Ausência do corpo na ontologia”. Em: C. Murta (org.), *Entre Corpos*, Curitiba, CVR Editora, 2016, pp. 111-149.

P. Harllward, K. Penden, K. (ed.), *Concept and Form*, vol. 2, Nova Iorque, Verso, 2012.

R. Berwick; N. Chomsky, “Foreword”. Em: J. Bolhuis; M. Everaert, *Birdsong, Speech and Language, Exploring the Evolution of Mind and Brain*, Cambridge, Mass., MIT Press, 2013, pp. ix-xii.

R. Berwick; N. Chomsky, *Why Only Us, Language and Evolution*, Cambridge, Mass., The MIT Press, 2016.

R. Berwick; N. Chomsky; M. Piattelli-Palmarini, “Poverty of the stimulus Stands, Why recent Challenges Fail”. Em: M. Piattelli-Palmarini; R. Berwick (ed.), *Rich Languages from Poor Inputs*, Londres, Oxford University Press, 2015, pp. 19-42.

R. Jackendoff, *Foundations of Language. Brain, Meaning, Grammar, Evolution*, Londres, Oxford University Press, 2003.

R. Jackendoff, *A User’s Guide to Thought and Meaning*, Londres, Oxford University Press, 2012.

R. Rorty, *Philosophy and the Mirror of Natures*, Princeton, N.J., Princeton University Press, 1979.

S. Dehaene, *La bosse des maths*, Paris, Odile Jacob, 2010.

S. Dehaene, *Le Code de la conscience*, Paris, Odile Jacob/Sciences, 2014.

S. Pääbo, *Neanderthal Man. In Search of Lost Genome*, Nova Iorque, Basic Books, 2014.

T. Fitch; M. Hauser; N. Chomsky, “The Evolution of the Language Faculty, Clarifications and Implications”. Em: *Cognition* 97, p. 179-210 (2005)

T. Kuhn, *The Road since Structure, Philosophical Essays, 1970-1993, with an autobiographical interview*, Chicago, Ill., University of Chicago Press, 2006.

S. Pinker; R. Jackendorff, "The Faculty of Language, What's Special about it?". Em: *Cognition* 95 (2005), pp. 201-236.